

# RELATOS DE EXPERIÊNCIA

## Oficina de Educação Patrimonial em Brazlândia-DF: Memória, identidade e afeto em movimento

 Regina Coelly Fernandes Saraiva \*  
Juliana Rochet Wirth Chaibub Paulino \*\*  
Simone Menezes da Rosa \*\*\*

**Resumo:** Este relato de experiência tem como objetivo registrar a oficina Educação Patrimonial realizada na Escola Parque da Natureza de Brazlândia (EPNBraz), como parte das atividades do Programa de Extensão “Diálogos Universidade-Escola” da Faculdade UnB Planaltina (FUP/UnB). O objetivo do Programa de Extensão é refletir, debater e experimentar a relação entre universidade-escola, numa perspectiva metodológica participativa e dialógica, a partir da parceria entre a Universidade de Brasília e a Escola Parque da Natureza de Brazlândia. A ação busca horizontalizar as interfaces entre os espaços oficiais de formação e as práticas aprendidas e desenvolvidas no viver cotidiano da docência mediante a aproximação entre teoria-prática e o diálogo de saberes. A oficina, que integrou o segundo Ciclo de Formação Continuada de Professores(as), realizado entre docentes de ambas as instituições, foi uma experiência profunda e enriquecedora ocorrida numa tarde chuvosa no mês de novembro de 2019, na sede da Escola. Ao longo deste relato, esperamos traduzir essa magia que percebemos naquele momento compartilhado com quinze professores e professoras, apresentando algumas estratégias de ensino-aprendizagem utilizadas durante o encontro com foco na educação patrimonial.

**Palavras-chave:** Educação Patrimonial. Memória. Identidade.

---

\* Regina Coelly Fernandes Saraiva é graduada em História pelo CEUB (1986), mestrado em Ciência Política pela UnB (1992), doutora em Desenvolvimento Sustentável pelo CDS/UnB (2006) e pós-doutora em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade pelo CPDA/UFRRJ (2018). Professora adjunta da Universidade de Brasília nos cursos de graduação em Gestão Ambiental (GAM) e Licenciatura em Educação no Campo (LEDOC) e no Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente em Desenvolvimento Rural (PPG-MADER), na Faculdade UnB Planaltina (FUP/UnB). Professora membro do Centro de Estudos do Cerrado na Chapada dos Veadeiros (Centro UnB Cerrado) e do Núcleo de Estudos para Paz e Direitos Humanos (NEP/CEAM/UnB). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0071166665596505>. Contato: [rcoelly@hotmail.com](mailto:rcoelly@hotmail.com).

\*\* Juliana Rochet Wirth Chaibub Paulino é mestre (2004) e doutora (2009) em Política Social pela UnB. Professora da Universidade de Brasília (UnB) no Curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC) e no Mestrado Profissional em Sustentabilidade junto a Povos e Terras Tradicionais (MESPT). Coordena o Grupo de Pesquisa Alimentação, Cultura e Meio Ambiente e os Programas de Extensão Diálogos Universidade-Escola e Centro Agroecológico, vinculados à Universidade de Brasília. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5177028895277181>. Contato: [julianarochet@gmail.com](mailto:julianarochet@gmail.com).

\*\*\* Simone Menezes da Rosa é graduada em Abi - Artes Plásticas pela Universidade de Brasília - UnB (2013), mestra em Artes Cênicas pela UnB (2018). Professora efetiva da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, atua como Vice-diretora da Escola Parque da Natureza de Brazlândia. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0651352990039064>. Contato: [sissi.rosa07@gmail.com](mailto:sissi.rosa07@gmail.com).

## Introdução: Casa da memória, onde a palavra e o silêncio moram

“Somos o que lembramos e também o que resolvemos esquecer”. As palavras de Iván Izquierdo (2011) nos mobilizam e também nos abrem um conjunto de questões: *o que seria de nós sem a memória? Teríamos que aprender as mesmas coisas a cada dia, como se fosse algo novo?*

Para Izquierdo (2011, p. 12), é a formação, a conservação, a evocação e a manutenção da memória que nos faz ser o que somos. “A coleção de lembranças de cada indivíduo é distinta das demais”, bem como seu esquecimento. A forma que uma pessoa recebe, percebe, codifica, armazena, acessa e recupera experiências e informações é particular. E ainda que nem todas as memórias estejam disponíveis para serem evocadas, conscientemente lembradas, podemos recuperar somente aquilo que foi registrado, o que foi aprendido ou apreendido. Sendo assim, somos o que recordamos e também o que esquecemos.

Mas essa individualidade, por si só, não move todos os moinhos. Criamos laços de sangue, laços culturais, laços por afinidade e outros mais, tendo por base memórias compartilhadas, que nos dão identidade coletiva. Temos um acervo histórico comum e também uma identidade individual.

Falar de memória é falar da própria vida –, de palavras que ressoam, dos silêncios que calam, das pausas e dos movimentos, das longas e breves caminhadas. Por isso, entendemos que uma grande contribuição dos processos educativos dentro e fora da sala de aula é a evocação das memórias individuais e coletivas como princípio pedagógico, o que nos permite criar, recriar e organizar o que é relevante e necessário ser guardado.

É na poesia de Antônio Cícero que encontramos pistas sobre o *Guardar*:

Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la. Em cofre não se guarda coisa alguma. Em cofre perde-se a coisa à vista.  
Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la por admirá-la, isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado.  
Guardar uma coisa é vigiá-la, isto é, fazer vigília por ela, isto é, velar por ela, isto é, estar acordado por ela, isto é, estar por ela ou ser por ela.  
Por isso melhor se guarda o vôo de um pássaro  
Do que pássaros sem vôos.  
Por isso se escreve, por isso se diz, por isso se publica, por isso se declara e declama um poema:  
Para guardá-lo:  
Para que ele, por sua vez, guarde o que guarda:  
Guarde o que quer que guarda um poema:  
Por isso o lance do poema:  
Por guardar-se o que se quer guardar.

Aquecer, evocar, guardar, escrever, declarar e declamar memórias são aspectos essenciais do ser e do viver individuais e coletivos – além de serem aspectos profundamente inscritos na educação patrimonial de caráter democrático e intercultural. Através das relações existentes entre ambos os conceitos, acreditamos ser possível articular processos educativos pautados pela compreensão sócio-histórica das referências culturais em todas as suas manifestações, fortalecendo a construção coletiva e democrática do conhecimento, por meio da participação efetiva das comunidades detentoras e produtoras das referências culturais.

Na construção do diálogo para convivência e para a garantia e expansão dos direitos de cidadania é fundamental não perder de vista a importância da correlação entre memória e educação patrimonial, pois as instituições educativas são instituições culturais, onde se entrecruzam múltiplas manifestações da diversidade cultural.

As funções sociais e políticas da educação escolar se realizam por meio de processos formativos que, potencialmente, seriam capazes de contribuir, de maneira substantiva, para modificar o imaginário e as representações coletivas negativas sobre as diferentes ontologias e epistemologias. Nesse sentido, a educação escolar é chamada a lidar com a pluralidade, reconhecer os diferentes sujeitos socioculturais presentes em seu contexto, abrir espaços para a manifestação e valorização das subjetividades e identidades, memórias e histórias em suas diferenças e múltiplas manifestações.

Este relato de experiência tem como objetivo registrar a oficina Educação Patrimonial realizada na Escola Parque da Natureza de Brazlândia (EPNBraz) em novembro de 2019 como parte das atividades do Programa de Extensão “Diálogos Universidade-Escola”, uma parceria entre a Faculdade UnB Planaltina (FUP/UnB) e a EPNBraz, apresentando algumas estratégias de ensino-aprendizagem utilizadas durante o encontro com foco na educação patrimonial.

O texto divide-se em duas seções, além desta introdução. Primeiramente, apresenta-se o panorama de criação da EPNBraz, sua proposta pedagógica e experiência com a educação patrimonial. A seguir, descreve-se o processo de realização da oficina na escola, seus debates e reflexões.

## A Escola Parque da Natureza de Brazlândia

Inaugurada em setembro de 2014, a escola é reflexo de lutas coletivas em busca de fortalecer e ampliar o projeto pensado por Anísio Teixeira de Sistema de Ensino para Brasília. Essas lutas estão atreladas à necessidade de mudanças estruturais advindas com a consolidação do período moderno.

Com a fragmentação da vida comunitária em função do êxodo rural, entrada massificada das mulheres no mercado de trabalho, pedagogos e psicólogos identificam a necessidade de uma reforma no sistema de ensino. Este movimento reformista foi chamado de Movimento Escola Nova e impactou no Brasil, especialmente por Anísio Teixeira, que teve forte interlocução com John Dewey<sup>1</sup>.

Anísio Teixeira interpreta mudanças propostas para a educação trazidas pelos (as) educadores (as) vinculados (as) ao movimento escola para a realidade brasileira. Considerou as densas assimetrias sociais e a dificuldade de superação destas em detrimento de um passado sustentado na exploração e acúmulo de capital para uma minoria privilegiada. Dessa forma, defende que a educação pública é o espaço possível para construção de uma democracia sólida. Afirma que a partir do encontro de classes sociais diversas, com tempos e espaços educativos que propiciam o debate e a convivência, um projeto de nação insurgiria em contraponto ao modelo opressor, historicamente arraigado no Brasil.

Com a chegada do aniversário de 60 anos da inauguração de Brasília é importante retomar o papel central que a educação básica ocupou na concepção utópica, estética e estrutural da cidade. Neste sentido, retomar as bases do pensamento de Anísio é fundamental para a compreensão da estrutura proposta, baseada no diálogo entre escolas classes e escolas parques. Dessa forma, a escola parque é entendida como este espaço privilegiado por oportunizar encontros e formas de ensinar e aprender, que privilegiam a educação estética e corporal.

Assim, a previsão era que houvesse uma escola parque a cada quatro quadras e escolas classes. Brasília foi inaugurada apenas com uma escola parque pronta, a da 308 sul. Pouco tempo depois houve o golpe de 1964, que levou ao assassinato de Anísio pela ditadura e a uma ruptura com o projeto utópico de emancipação presente em Brasília. Assim, a construção das demais escolas parques previstas avançaram a passos lentos. De modo que até 2014, ano de inauguração da EPNBraz, havia apenas cinco escolas parques no Plano Piloto e uma em Ceilândia, inaugurada, também, em agosto de 2014.

A efetivação de uma Escola Parque em Brazlândia simboliza uma conquista efetiva para cidade, por reconhecer neste projeto o grande potencial de ponto de inflexão no território.

Diante disso, a EPNBraz tem se identificado como uma colcha de retalhos. Essa figura ilustra a diversidade de pontos que se conectam e constituem a escola. Afinal, incorpora ao pensamento de Anísio, ainda que reconhecendo as suas contradições que foram emergindo historicamente, outras epistemologias.

Uma das contradições latentes que é incorporada como mola propulsora da identidade da escola é a relação com o território. Brazlândia é a segunda cidade mais antiga do Distrito Federal, antecede a construção da capital. Por isso, contradiz a máxima modernista que afirma: Brasília foi construída em meio ao nada. A densidade histórica e cultural dessa cidade transborda a sua existência como Brazlândia, antes disso pertenceu a Santa Luzia, os povos tradicionais do cerrado, ainda presentes, reforçam esta densidade. Além disso, é possível encontrar vestígios arqueológicos nesta região em pinturas rupestres.

Tendo em vista tais pontos, a EPNBraz incorporou às artes (em suas diversas linguagens) e educação física a educação patrimonial e ambiental como pilares fundamentais para práxis pedagógicas da escola. Tais eixos são trabalhados de maneira dialógica, perene, processual e transversal. Além disso, a escola tem se reconhecido com uma escola do campo, uma vez que é predominante os (as) estudantes dos campos. Assim como outros pontos de convergência, como o entendimento de educação integral da escola e sua relação com a concepção de ser *omnidimensional*.

Diante dessa complexidade que constitui a escola, a educação patrimonial é entendida como um campo capaz de gerar o pertencimento crítico. Ou seja, é necessário partir do seu reconhecimento como sujeito coletivo, entendendo a rede que te constitui como ser (família, amigos, comunidade), o território em que está inserido (sua história, potencialidades e desafios) a partir de uma compreensão relacional com a sua cidade, país e sistema.

Dessa forma, fica evidente que o cruzamento dos campos é a grande potência para avançar no sentido deste pertencimento crítico, almejado na práxis pedagógica da escola. A educação ambiental em diálogo com a educação patrimonial tem como essência a ruptura da relação "eu" em oposição sumária ao "outro", uma vez que possibilita o entendimento da rede de vida e as formas de relações existentes. Relações estas que é constituída também pelas culturas e os modos de vida. A corporeidade e a estética são os mecanismos de contato com as manifestações culturais enquanto produção material e imaterial.

Com foco nesses princípios, as ações como a Caminhada Brazlandense e o projeto Cerrado Vivo são parte fundante do Projeto Político Pedagógico da escola. Diversas atividades são desenvolvidas com o objetivo de reconhecer o Cerrado como nossa morada e ocupar, reconhecer e identificar pontos históricos da cidade de Brazlândia por meio de uma caminhada pelo Setor Tradicional.

Ao longo desses cinco anos foi possível perceber uma trajetória do corpo coletivo que constitui a escola,

Foto 1. Professores e servidores da EPNBraz em dia de Oficina de Formação Continuada (2019)



Fonte: Juliana Rochet.

formado por trabalhadores (as) em geral, estudantes, comunidade escolar, em experimentações que possibilitaram identificar qual perspectiva da Educação Patrimonial a escola se identifica. Após experimentações, debates e formações, percebemos que é uma educação patrimonial popular, crítica, dialógica e transversal (foto 1).

### **A Oficina de Educação Patrimonial: diálogo, partilha e afeto**

A oficina teve início às 14h do dia 20 de novembro de 2019, na sede da Escola Parque da Natureza de Brazlândia. O dia de sua realização, por si só, já sinalizava aquele encontro especial, o Dia Nacional da Consciência Negra.

O momento inicial foi bastante acolhedor e alegre, com todos sinalizando para o encontro com amabilidade e abertura à proposta da oficina. Estavam conosco educadores(as) das áreas de educação física, artes visuais, música e história. Todos(as) foram convidados(as) a se apresentarem e elaborarem um breve desenho que representasse uma característica pessoal. Durante as apresentações foram registradas experiências pessoais, relação com a cidade, memórias familiares, atividades que gostam de realizar como docentes, e coisas que gostam de fazer.

Um primeiro aspecto da educação patrimonial foi trazido naquele momento: o trabalho com a memória.

A memória, suas concepções e significado, foi trazida por meio da leitura do livro *Guilherme Augusto Araújo Fernandes*, de Mem Fox (Editora Brinque-Book). A memória naquele livro aparece na sua forma literária como lembrança, algo quente, algo bem antigo, algo que faz chorar, algo que faz rir, algo que vale ouro. Todos esses sentidos foram discutidos e refletimos sobre a memória como elemento da identidade coletiva que serve de suporte para os bens coletivos, materiais e imateriais, que atribuímos valor por ser parte da nossa

identidade, da história, da cultura e da natureza – nosso patrimônio cultural e ambiental.

Após essa discussão, foi observado entre os participantes que a educação patrimonial é antes de tudo uma construção afetiva *com* e *para* a memória, garantindo que os bens patrimoniais, sejam eles culturais ou ambientais, estejam presentes com seus sentidos e significados.

Duas perguntas mobilizadoras deram continuidade à oficina: quais são os bens patrimoniais de Brazlândia? Como a memória, a história, o patrimônio cultural de Brazlândia é trabalhado pelos(as) professores(as)?

Essas perguntas provocaram muitas falas e intervenções feitas pelos(as) professores(as). A cultura, o meio ambiente, as tradições e histórias de Brazlândia foram os elementos-chave levantados pelo grupo.

O fato de a cidade ser pré-existente à Brasília foi bastante reforçado entre os(as) professores(as) como um aspecto explorado com os estudantes. A tradição goiana e mineira, que dá origem à história da cidade, e a Chapada do Vão dos Angicos foram lembrados como partes da história e do ambiente onde a cidade se formou. A história, a memória, a cultura e as tradições foram lembradas como elementos fundamentais da educação patrimonial, da riqueza dessa formação que depende muito da produção de conhecimento sobre a história e a cultura locais.

Foi observado ainda que para o trabalho com a educação patrimonial é importante estar aberto para ouvir, refletir, dialogar, ver o que ainda não foi visto na história, buscar elementos da memória que precisam estar presentes para que a formação, a ação pedagógica possa estimular, valorizar, revitalizar e construir (re)existências.

Neste momento, os(as) professores(as) tiveram a oportunidade de comentar como o trabalho de educação patrimonial é desenvolvido pela Escola Parque da Natureza de Brazlândia. Eles e elas trouxeram o meio ambiente e como ele é forte no trabalho que desenvolvem. As características naturais de Brazlândia, com seu Cerrado ainda bastante preservado, a Lagoa Veredinha, a tradição rural, festas, festa do morango, artesãos e artistas foram ressaltados como elementos marcantes da cidade e explorados no trabalho que realizam.

Entre as escolas públicas do Distrito Federal, a Escola Parque da Natureza de Brazlândia tem a singularidade de ter em seu projeto político pedagógico a educação patrimonial. Esse aspecto, de certo modo, justificou o acolhimento inicial da oficina. Afinal, a proposta pretendia dialogar com aqueles(as) docentes sobre o que eles já faziam. Ainda assim foi surpreendente ver como professores(as) de diferentes áreas se desafiam a realizar o trabalho de educação patrimonial, cada um ao seu modo, com muita sensibilidade, elemento essencial da educação patrimonial.

Foto 2. Mandala da Memória (EPNBraz, 2019)



Fonte: Juliana Rochet.

A partir daquela experiência, fizemos outra reflexão fundamental sobre o trabalho com a educação patrimonial: a de que ela não é uma prática pedagógica exclusiva de professores(as) de história, como o senso comum costuma atribuir; quanto mais educadores(as) de diferentes áreas estiverem realizando a formação para a valorização do patrimônio cultural e ambiental, mais ele é enriquecedor e potente.

A essa altura a oficina estava em seu ponto culminante e o envolvimento dos(as) professores(as) estimulou ainda mais o trabalho.

Todos aqueles aspectos que estavam sendo trazidos pelos(as) docentes foram colocados no centro da sala em uma "mandala" formada por livros, sementes e raízes do Cerrado, alguns objetos de artesãos de Brazlândia e por palavras-chave que foram sendo incorporadas. A mandala, inicialmente construída pelas facilitadoras, tinha como objetivo ser um elemento de estimulação do debate, das ideias e das questões trazidas ao longo da oficina. E assim ela funcionou de forma dinâmica e interativa (foto 2).

Antes do terceiro e último momento da oficina, o grupo observou a mandala e como ela foi se (re)construindo a partir do diálogo sobre a educação patrimonial que estávamos tecendo desde o início da tarde.

A última questão mobilizadora foi: por que a educação patrimonial é importante? Por que trabalhar com o patrimônio cultural?

O diálogo foi intenso novamente e diversos aspectos foram trazidos desde uma perspectiva nacional até o local. Foi abordado o papel do Estado na preservação do patrimônio cultural; seu papel essencial, mas não exclusivo, demandando a atuação da sociedade civil na ação e colaboração para a preservação.

A partir daí, ações pedagógicas para uma formação cidadã de preservação do patrimônio cultural e sua diversidade foram discutidas como fundamentais, especialmente para a sociedade brasileira tão diversa

Foto 3. Oficina de Educação Patrimonial (EPNBraz, 2019)



Fonte: Juliana Rochet.

culturalmente. Neste momento, o significado da celebração do dia 20 de novembro foi lembrado como parte da reflexão necessária sobre quem somos e a importância da nossa ancestralidade negra. Foi lembrado que muitas pessoas ainda insistem em negar e desejam que seja esquecida a negritude como parte da nossa memória coletiva.

A educação patrimonial foi abordada ainda como facilitadora para a criação de comunidades de preservação para o patrimônio cultural e ambiental. As escolas têm um papel estratégico nesse sentido. Essas comunidades são formadas a partir de ações pedagógicas que se mobilizam para trazer os elementos da cultura, da história e das tradições no sentido de sensibilizar para a preservação. Mais uma vez, a escola pública foi trazida como estratégica para essa formação (foto 3).

No nível local, foi apontado o aniversário de 60 anos de Brasília. Apontou-se que, neste momento da história da cidade, é fundamental que aspectos patrimoniais das localidades do Distrito Federal sejam estimulados e estudados pelas crianças e jovens.

Brasília foi discutida na sua pluralidade como cidade a partir do encontro de muitas pessoas, muitas histórias e cidades que não são somente satélites, mas cidades com identidades próprias, determinantes para entender a criação de Brasília. Foram lembradas Brazlândia e Planaltina.

Os 60 anos de Brasília foram lembrados, também, a partir da necessidade de serem reforçadas as identidades locais e, neste sentido, foram discutidas a valorização de raízes, tradições e histórias para se pensar nas "Brazlandialidades" que a educação patrimonial pode e deve explorar para o fortalecimento da identidade coletiva de ser de Brazlândia e de Brasília.

Como parte dessa reflexão, foram lidas histórias de vida de pessoas que marcaram a história de Brazlândia, cujas trajetórias foram e são importantes para a cidade e para as reminiscências da história de Brasília. Foram

rememoradas: Manoel Jesus Aires Luz (Seu Aires), Albertino Lima Campos, Divino Alves Faleiros, Maria Esmeralda da Silva, Maria Florentina Madalena. Todos artesãos de Brazlândia que migraram para Brasília com suas famílias e encontram no Cerrado o meio de sobrevivência e de expressão de vida.

A oficina de educação patrimonial de Brazlândia finalizou às 17h com olhares cheios de alegria e muitos sorrisos. Fizemos um lanche coletivo com todos(as)

os(as) professores(as) e servidores(as) da Escola Parque da Natureza de Brazlândia. Ainda encantados, comemos, bebemos e conversamos sobre o trabalho daquela tarde. Concluímos que a educação patrimonial ajuda a construir uma percepção mais sensível de si, dos outros e dos lugares onde vivemos e decidimos escrever nossas histórias.

Mais uma memória foi construída, e guardada, por muitos de nós. ■

## Notas

<sup>1</sup> Filósofo e pedagogo norte-americano (1859 - 1952).

## Referências bibliográficas

CASCO, Ana Carmem Amorim Jarro. **Sociedade e Educação Patrimonial**. IPHAN, 2005.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. **Escola Parque da Natureza de Brazlândia**. Projeto Político Pedagógico. Escola: lugar de formação integral dos sujeitos. Brazlândia: SEEDF/EPNBraz, 2017.

\_\_\_\_\_. **Portaria nº 265/ 2016**. SEEDF, 2016.

\_\_\_\_\_. **Portaria nº 428/ 2017**. SEEDF, 2017.

FERREIRA, Márcio Mendes; GOROVITZ, Matheus. **A Invenção Da Superquadra**. IPHAN, 2015.

IZQUIERDO, Ivan. **Memória**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

LIMA, Jayme Wesley de. **Tem que tombar?** Patrimônio moderno e forma alternativa de conservação. Universidade de Brasília. Brasília, 2017

PEREIRA, Eva Wairsros; COUTINHO, Laura Maria; RODRIGUES, Maria Alexandra; HENRIQUES, Cinira Maria Nóbrega; SOUZA, ROCHA, Lúcia Maria da Franca. **Nas asas de Brasília: Memórias de uma utopia educativa (1956 – 1964)**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2011.

\_\_\_\_\_, ROCHA, Lúcia Maria da Franca. **Anísio Teixeira e o Plano de Educação de Brasília**. GT: História da Educação / n.02.

ROSA, Simone Menezes da. **Escola Parque da Natureza de Brazlândia: Utopias Educaconais**. Brasília, UnB, 2018.